



Texto final reescrito por Almeida e Sousa (em Maio de 2007), com base na transcrição da entrevista.

Nasci em 1921, mais ou menos quando começou o século XX. Considero que o século XX começou concretamente com o tratado de Versaillies em 28 de Junho de 1919. A partir desta data é que começou o mundo novo.

Passados quase 20 anos, fui apanhado pela 2ª Guerra Mundial. Na altura estudava na Faculdade de Engenharia (da Universidade do Porto) e foi nesse tempo que desenvolvi o meu interesse pelo ramo da metalurgia. Portugal era dito ser um país maravilhoso, com homens maravilhosos, tudo era maravilhoso neste país excepto a economia, que de facto não era nada maravilhosa. Sobretudo a indústria estava demasiado atrasada em relação à dos outros países europeus. Havia várias razões para esse atraso e uma das razões fundamentais era certamente o facto de Portugal não ter passado pela guerra - é verdade que a guerra tem todos os inconvenientes, mas também tem algumas vantagens: é um incomparável motor de progresso técnico. De qualquer maneira chocava-me muito o nosso atraso no ramo da metalurgia.

Fui um bom estudante, finalizei o curso entre 1943 e 44. Nessa altura o mundo estava esmagado pela força da indústria da guerra: a guerra tinha começado a ser ganha inicialmente pela indústria alemã, mas depois a indústria americana arrasou tudo. De facto a vitória foi conseguida à base da indústria. A indústria metalúrgica americana era então uma coisa espantosa: na altura faziam entre 8 a 9 milhões de carros, enquanto que a Europa toda junta e numa previsão optimista poderia fazer 1 milhão de carros.

Quando acabei o curso, interroguei-me: o que pode fazer por Portugal um homem como eu, com o que sei e na era em que vivo? O que via na minha frente?

A vitória dos Aliados baseou-se em dois vectores capitais: o petróleo e o aço.

A vitória dos Aliados baseou-se em dois vectores capitais: o petróleo e o aço. Portugal não estava de todo privilegiado nestes dois vectores.

Portugal não estava de todo privilegiado nestes dois vectores. A indústria do aço era ausente e na indústria do petróleo havia a Sacor, que estava a começar a fazer de conta que fazia gasolina. A Sacor estava entregue aos romenos, por mercê de madame Lupesco. Na altura fiquei indeciso entre o aço ou o petróleo, pois também era licenciado em química. Sondei qual destas indústrias seria a indústria com mais futuro ou mesmo qual delas seria a mais benéfica para Portugal, porque nessa altura éramos todos nacionalistas, era a cultura que nos davam. Cheguei à conclusão que no ramo do petróleo iria ter sérias dificuldades, e foi assim que me decidi consagrar à indústria do aço.

Comecei a questionar-me quais eram as razões porque os outros países faziam mais e melhor aço do que nós, e qual seria a razão de eles terem enormes siderurgias e nós não. Fui procurar essas respostas numa longa viagem pela Europa, mesmo a sair da guerra. Parti com o espírito de aprendizagem. Havia muita coisa que eu já sabia, porventura até saberia melhor do que eles, mas havia uma coisa que eu não conhecia de todo: não conhecia o que era a fome. Por lá comia-se pelos tickets (de racionamento), e eu, ao contrário deles, não tinha hipóteses de os arranjar no mercado negro. Por outro lado a fome para os europeus, foi uma coisa que foi aparecendo gradualmente, enquanto que para mim foi um verdadeiro choque. Valeu-me de muito o que então aprendi.

Companhia que se queria semente da grande indústria portuguesa de siderurgia, começaria por ser uma unidade produtora de folha de Flandres, material que durante a guerra faltara cruelmente em Portugal, travando as possibilidades então quase ilimitadas de exportação das nossas conservas de peixe.

OS SONHOS DA SIDERURGIA

De regresso, fui convidado para projectar e construir uma fábrica muito grande, com fundição de aço e muitos mais avanços. Infelizmente cedo vi que havia muita irrealidade em tudo aquilo e desisti.

A seguir recebi um convite muito diferente: para dirigir a Companhia Portuguesa de Siderurgia, grande unidade então a nascer em Gondivai, esta já como beneplácito do Estado e com o carinho do Eng. Ferreira Dias, que havia sido Subsecretário de Estado do Comércio e Indústria. Companhia que se queria semente da grande indústria portuguesa de siderurgia, começaria por ser uma unidade produtora de folha de Flandres, material que durante a guerra faltara cruelmente em Portugal, travando as possibilidades então quase ilimitadas de exportação das nossas conservas de peixe. Não foi uma unidade bem lançada, terá sido entregue a pessoas não muito conhecedoras do assunto, pedido depois o auxílio de uma conhecida firma francesa, também esta a não conseguir orientar na melhor direcção. Os tempos eram difíceis. Após bastantes contactos, também não me pareceu que fosse imediatamente para a frente, como não foi, e desisti mais uma vez.

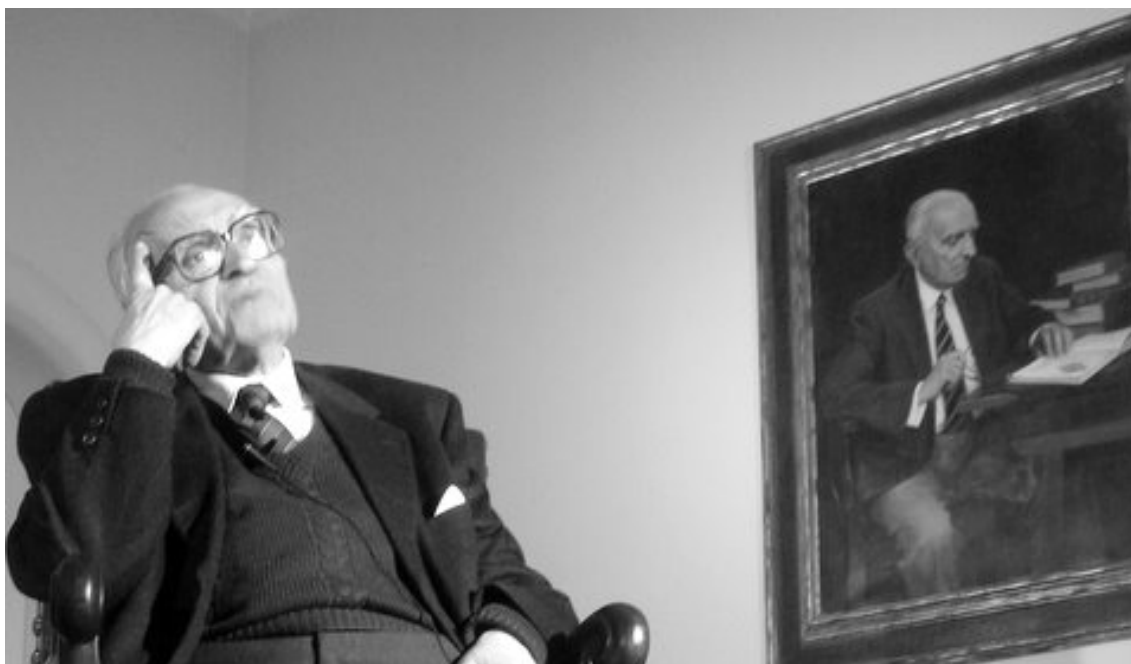
Finalmente recebi um convite para dirigir as fundições da Fábrica Vulcano e Colares, antiga e consagrada fábrica metalúrgica de Lisboa, há anos comparada

A fundição portuguesa quer de ferro, quer de aço, estava num período de melhoramento e de afirmação. Pela primeira vez a ciência da fundição juntava-se à arte da fundição, essa já antiga, e os resultados viam-se.

por Henrique Sommer, que para ela havia construído umas magníficas instalações na Venda Nova, Amadora. No entanto, à sua morte, o seu herdeiro, António Chamalimaud, interessou-se menos por essa fábrica, comprometido que estava com a indústria dos cimentos, sobretudo nessa altura com a sua expansão para Moçambique. Terminou por a vender à firma Alfredo, Alves & C^ª.

Aceitei e foram uns anos de intenso trabalho, mas aprendi muitíssimo, sobretudo a conhecer bem o trabalhador português. Não trabalhei nesse período menos do que qualquer deles, mas, todo juntos, conseguimos coisas inacreditáveis. Ainda hoje recordo com muita saudade esses tempos, por muito duros que tivessem sido.

A fundição portuguesa quer de ferro, quer de aço, estava num período de melhoramento e de afirmação. Pela primeira vez a ciência da fundição juntava-se à arte da fundição, essa já antiga, e os resultados viam-se. A Vulcano e Colares, que



até então tinha feito só aço ao convertidor, tinha instalado fornos eléctricos que lhe possibilitaram a entrada no campo dos aços especiais.

As três outras fundições de aço – Tramagal, CUF e Rossio de Abrantes – também se desenvolveram muito e, no ferro maleável, a firma Oliveira & Ferreirinhas tinha fama na Europa e na América. Começava também a despontar o ferro nodular que, interessado por tudo o que a este ramo da indústria dizia respeito, descobri logo no artigo inicial do Sr. Marrogh, embora na altura poucos acreditassem nas suas potencialidades.

Quando anos mais tarde um conjunto de interessados quisemos e logramos

Em compensação, na metalomecânica, nas serralharias como então lhe chamávamos, havia um grande número de unidades que sobretudo as necessidades da guerra tinha desenvolvido, e que faziam coisas que em Lisboa não se pensavam fazer.

a fundação da Associação Portuguesa de Fundição, foi-nos possível assistir por esse mundo além aos sucessivos Congressos de Fundição e estar a par de todos os progressos que a indústria ia fazendo. Foi pena que o de 1974, inicialmente marcado para o Porto, depois, por falta de infraestruturas, transferido para Lisboa, não tivesse tido lugar, por força da agitação política então vigente em Portugal.

Mas, voltando à Vulcano e Colares, foi com muitíssima pena que passados uns anos a tive que abandonar, mas teve que ser. Várias razões me obrigaram, e não quero esconder que o desejo de voltar para o Porto não tivesse sido uma das maiores.

Nessa altura a indústria metalúrgica do Porto era inteiramente diferente da de

Só foi pena que, nesse período de incerteza, o capital não acesse tanto à indústria e preferisse aplicações com menos risco, como diziam. Se tivéssemos tido, nessa hora de carência de toda a Europa, uma indústria metalomecânica válida e capaz de exportar, quanto não teríamos enriquecido o país!

Lisboa. Não se fazia aço, ou quase não se fazia aço, e em vez de algumas unidades razoavelmente estruturadas, havia uma poalha de pequenas fábricas e oficinas, nomeadamente de fundição, promovidas pelas necessidades de peças que o saneamento – então em pleno arranque – assim exigia. Não digo que não houvesse fundições de certa dimensão e com qualidade, então em grande progresso. Se tiver que evocar algumas, pois não poderei esquecer a Oliva, a Alba, e a EFI – Eduardo Ferreirinha & Irmão. Para além da Oliveira & Ferreirinha, no ferro maleável.

Em compensação, na metalomecânica, nas serralharias como então lhe chamávamos, havia um grande número de unidades que sobretudo as necessidades da guerra tinha desenvolvido, e que faziam coisas que em Lisboa não se pensavam fazer. Por exemplo, máquinas ferramentas, senão maravilhosas, mas que iam servindo para as nossas necessidades. Destaco as do Eduardo Ferreirinha, mas havia as do Jacinto Ramos, Cegonha, SMOL e outras mais. No domínio da peça de substituição para o automóvel, também durante a guerra a necessidade tinha desenvolvido o engenho e, até à chegada de novos automóveis, ia-se mantendo o envelhecido parque de antes da guerra a funcionar. Mesmo quando foi preciso substituir a gasolina pelo gasogénio, a indústria do Porto respondeu, e carros, camiões e sobretudo camionetas (como então chamávamos aos autocarros) tudo continuou a andar.

Dispúnhamos nessa altura de habilíssimos trabalhadores, artistas como lhe chamávamos e eles queriam que lhes chamássemos e tinham orgulho de ser. Só foi pena que, nesse período de incerteza, o capital não acesse tanto à indústria e preferisse aplicações com menos risco, como diziam. Se tivéssemos tido, nessa hora de carência de toda a Europa, uma indústria metalomecânica válida e capaz de exportar, quanto não teríamos enriquecido o país! Como a Suíça enriqueceu.

A necessidade de moldes surgiu primeiro por parte da indústria vidreira, e não admira por isso que ainda hoje os centros de produção de moldes, embora bem diferentes moldes, se situem nos centros tradicionais produtores de vidro: Oliveira de Azeméis e Marinha Grande.

Para mim a figura evocativa dos moldes foi o Sr. Júlio Mateiro, ao tempo dono do Centro Vidreiro do Norte de Portugal. Era muito meu amigo e um entusiasta da sua indústria. Foi ele que me levou a interessar-me pela fabricação de vidro, e, como consequência, pela fabricação de moldes. Que, ao tempo não era nem por sonhos o que mais tarde viria a ser.

Visitava-o várias vezes, primeiro na sua casa em Oliveira de Azeméis, depois já em La Salette. Segui todo o seu esforço por defender o Centro Vidreiro quando os tempos se tornaram árdus, e muito me custou vê-lo pela primeira vez apreensivo quando chegaram ao Governo pessoas muito mais interessadas em defender as unidades pouco rendosas que havia na Marinha Grande, pondo completamente de lado o esforço que se fazia no Centro Vidreiro. Era muito amigo dele e custou-me muito a injustiça que lhe fizeram. Era um homem bom e muito capaz a que creio que ainda não se prestou a justiça que mereceu e merece.

Foi ele que me levou à admiração sem limites que tenho pelos industriais daquela zona que ele me apresentou e me fez conhecer – Oliveira de Azeméis, S. João da Madeira, Vale de Cambra, Vila da Feira, ... – zona e homens que, quando caio em mim, só penso que é muita pena que não sejam apreciados como deviam ser. E que não haja mais como eles em Portugal.

Quanto à indústria de moldes, pois foi evoluindo para os novos e difíceis campos que soube conquistar, e muito me orgulhei quando, no estrangeiro, me gabavam moldes feitos em Portugal. São moldes completamente diferentes – há umas dezenas de anos não acreditaria que se fizessem em alumínio os moldes que vi fazer – e dirigidos ao sector mais evoluído e mais exigente a nível mundial – a indústria automóvel. São bem a prova das nossas capacidades que, infelizmente, tantas vezes não aproveitamos.

Aos industriais dessa zona, talvez por uma questão de proximidade geográfica, associo sempre o nome de Carlos Ribeiro, a alma, eu diria até o criador, da Fábrica de Abrasivos Dragão-Dilumit. Homem com qualidades fora do comum, que só foi pena retirar-se cedo de mais. Gosto de deixar aqui esta palavra para que não se perca a memória de pessoas que valeram, e que temos tanta tendência a esquecer.

Quanto à minha experiência pessoal de fabrico de moldes, pois, tirando os grandes moldes que fiz para os maiores pneus da Mabor, os outros eram relativamente pequenos e simples, maioritariamente pedidos pela indústria de baquelite. Mas tive muito prazer em que esses grandes moldes da Mabor, que estavam para ser importados como outros mais pequenos o foram, fossem feitos em Portugal.

Quanto aos plásticos, reconhecendo evidentemente o grande progresso que representaram para a humanidade, não posso reprimir uma ponta de nostalgia, lembrando que constituíram uma das razões do declínio da fundição a nível mundial.

A minha vida na indústria foi muito condicionada pelo Condicionamento Industrial. Só pude fazer o que me deixavam fazer, que afinal era o que a todos

MOLDES E CENTRO VIDREIRO

CONDICIONAMENTO
INDUSTRIAL

A minha vida na indústria foi muito condicionada pelo Condicionamento Industrial. Só pude fazer o que me deixavam fazer, que afinal era o que a todos deixavam fazer. Das três ou quatro vezes que quis fazer qualquer coisa de novo, pois não mo deixaram fazer.

deixavam fazer. Das três ou quatro vezes que quis fazer qualquer coisa de novo, pois não mo deixaram fazer. Dessas vezes, só de uma apresentei um projecto em forma. Consegui que comigo assinasse o projecto, ou pelo menos o pedido de autorização, um conceituado professor da Universidade de Coimbra e esperava que, pelo menos a um homem desses, não dissessem que não. Para mais, gato escondido com o rabo de fora, percebia-se bem que grande entidade estava por trás do empreendimento, sabia-se que este iria mesmo para a frente e seria grande, como tanto queria o Professor Teixeira Dias, mas mesmo assim o pedido foi recusado. Mexia com os interesses de pessoas muito importantes, ou pelo menos eles assim o pensaram.

Uma das razões por que mo negaram, está escrito, era porque, diziam, “eu era um homem capaz de tudo!”. Nunca ninguém recebeu tal elogio. Tive que mandar imediatamente um cartão a agradecer.

Não queria terminar este assunto sem dizer que admito que o Condicionamento Industrial até pudesse ter sido útil e conforme os interesses do país para certas indústrias, sobretudo e “sine quo non” se fosse limitado no número de anos de vigência e não continuado “ab eternum” como foi. Assim não, constituiu um terrível travão para a nossa indústria que, já mesmo sendo livre, infelizmente não atraiu tanto investimento quanto precisaríamos que atraísse.

FUNDIÇÃO INJECTADA

A ideia da fundição injectada deve ter chegado a Portugal logo a seguir à guerra. Na altura eu ainda trabalhava em Lisboa, com um engenheiro muito competente em metalurgia (mas que mais tarde até acabou por mudar de ramo). Recordo-me de ele me ter desafiado a fazer fundição injectada. Fiquei bastante entusiasmado, e comecei a fazer os estudos e os projectos. Nós estávamos em Lisboa, e por estranho que pareça pouco se sabia sobre o que se passava no Porto - tratavam-se de mercados e economias diferentes. Até ao nível da informação: em Lisboa lia-se o Diário de Notícias e o Século, em contrapartida no Porto liam-se os três jornais do Porto. Provavelmente foi através do Ministério de Economia que tivemos conhecimento de que no Porto alguém bastante forte e ligado a interesses belgas queria também começar com esse processo. Restou-nos a autorização de uma ligação a esse grupo, que resultou na cedência dos nossos estudos. Mas no entanto nem eu nem o meu colega lucrámos alguma coisa com este assunto. A empresa do Porto referida é a conhecida Sonafi.

Depois fui muito amigo do Joaquim Macedo, da Sonafi, a tal ponto que no último congresso de fundição pediram-me para fazer o elogio do Joaquim Macedo, entretanto falecido, ao qual eu tive imenso prazer de corresponder.

INDÚSTRIA MECÂNICA E AUTOMÓVEL, FAP

Vim de uma geração onde a indústria mecânica quis ser alguém, com homens aqui do Norte maravilhosos e extraordinários. Provavelmente os homens de hoje serão os mesmos e até com os mesmos interesses, mas a verdade é que não têm a

Vim de uma geração onde a indústria mecânica quis ser alguém, com homens aqui do Norte maravilhosos e extraordinários



PROTAGONISTAS

mesma vontade de trabalhar ou então não existe a mesma necessidade de ganhar dinheiro.

Estive envolvido em alguns projectos de automóveis em Portugal. Fui até um dos administradores não executivos da Fábrica de Automóveis Portugueses – FAP, que se situava em Aveiro onde hoje está instalada a Renault. Julgo que foi das maiores loucuras deste país, apesar de existirem muitas outras e muito grandes.

O enredo passa-se em Aveiro, em meados da década de 60. Existiam lá uns terrenos grandes e planos, que pouco precisavam de terraplanagem, e que tinham também a vantagem de se localizarem perto do porto de Aveiro. Inacreditavelmente a primeira ideia era fazer Alfa Romeos, mas a Alfa Romeo perspicazmente fugiu do projecto. Posteriormente pensaram na Renault, mas a Renault também hesitou, e quando eu cheguei lá já estavam a trabalhar com a empresa finlandesa de tractores Valmet.

Acho que a Valmet não era de todo uma má ideia porque a Finlândia é um país pequeno, e as séries de fabrico eram pequenas também, como em Portugal o teriam que ser. Inicialmente terá sido feito um estudo e chegou-se a conclusão de que se deveria aproveitar o mercado de Angola e Moçambique. De facto o mercado seria razoável e a verdade é que por cá poucos eram aqueles que teriam a capacidade de comprar um John Deere - o mercado seria um mercado de pequenos agricultores.

O tractor da Valmet finlandesa era praticamente todo baseado em material fundido. Não levaria por isso a grandes custos de moldes de estampagem que exigiam grandes séries para amortização. Pelo contrário as peças fundidas quase que se podiam fazer uma a uma.

segundo os meus homens, eu tinha sempre “invenções” e era com prazer que enfrentava algumas coisas que pareciam loucuras.

GRANDE PRÉMIO
DE PORTUGAL

As pessoas aqui no Porto eram bastante mais empreendedoras, de tal modo que me chamavam louco quando eu falava dos projectos existentes no Norte às pessoas de Lisboa.

Havia excelentes mecânicos no Norte de Portugal. Lembro-me do Grande Prémio de Portugal, aqui no Porto, cujo cartaz incluía pilotos como Braco, de Itália. Braco fez a viagem para Portugal no próprio carro de competição! Antes de chegar aos treinos o carro dele já tinha avariado. Havia muitas expectativas em relação àquele piloto e a organização ficou bastante desiludida porque temia que o público pudesse ficar defraudado. Foi então que eu entrei no enredo. Disse que iria encontrar alguém capacitado para arranjar aquela máquina, e fui buscar um rapaz que era um excelente mecânico. Apesar de ele ter hesitado, eu não tinha qualquer dúvida no seu desempenho, e o rapaz também não era homem de claudicar. A verdade é que ele auscultou o ruído do carro, descobriu logo o imbróglio e consertou a máquina. Foi dessa forma que Braco estava na grelha de partida no dia da corrida e fez mesmo a corrida inteira, apesar de não ter ganho. Era este papel de salva-vidas que eu estava habituado e que gostava bem de fazer. Eu era um homem que gostava de ter ideias - aliás, segundo os meus homens, eu tinha sempre “invenções” e era com prazer que enfrentava algumas coisas que pareciam loucuras.

Sucediu ao Eng. Mário Borges na Presidência da Associação Industrial Portuguesa, primeiro como Vice Presidente em exercício, depois como Presidente eleito. Tudo isto aconteceu numa época muito agitada (1972-73) e não tardou que a Revolução de 25 de Abril ainda viesse acrescentar mais e mais graves problemas.

ASSOCIAÇÃO INDUSTRIAL
PORTUENSE

Devo dizer que não tive quaisquer problemas com as estruturas nascidas do 25 de Abril – ou, para ser mais sincero, tive poucos problemas – mas já não assim com a ressaca que me chegava de Lisboa onde tinham sido paralisadas as estruturas patronais, e um pouco precipitadamente se procuravam outras que nem sempre era respeitada a posição da A. I. Portuense que de qualquer modo ia prosseguindo o seu caminho.

Como prova concludente, enquanto país além disso não sucedia, aqui no Porto conseguimos realizar todas as Exposições Industriais programadas, pelo contrário acrescentando-lhe sempre mais até chegarmos a oito em 1979. Quanto possível, demos todo o nosso apoio às estruturas de Lisboa, como entendemos que nos competia. E evidentemente também a todas as indústrias do Porto, na época em que o Comando da Região Militar lhes não deu a protecção que entendemos devia ter dado.

Antes do 25 de Abril, Portugal era, por lei, um Estado Corporativo. Tinha havido muita dificuldade em instituir a Corporação da Indústria, mas cerca de 1960 já existiam alguns Grémios sectoriais. Os principais, no Porto, eram evidentemente o das Indústrias Têxteis e o das Indústrias Metalúrgicas.

GRÉMIO DOS INDUSTRIAIS
METALÚRGICOS

Quando este foi instituído, tentei livrar-me do convite que me foi feito para integrar os seus corpos directivos, tanto mais que estava muito ligado à Associação Industrial. Mas, por intermédio do jogo dos membros suplentes, terminei por não me livrar e passado pouco tempo já fazia parte dos Corpos Directivos, tendo sido eleito presidente creio que em 1963. Mas essa eleição, nos termos da lei, tinha que ser sancionada pelo Ministro das Corporações, e o Ministro não a sancionou. Disse-me na altura que não era por causa do meu nome, mas o certo é que o seu ámen chegou muito tarde, quando já se pensava na próxima Direcção.

Entretanto nesses últimos tempos da minha Presidência houve incidentes que me fizeram a vida negra, e que, ao contrário do que pensava, haveriam de ter muita influência na minha vida futura. Fiquei feliz quando pude passar a Presidência ao meu grande e malgrado amigo Mário Moreira.

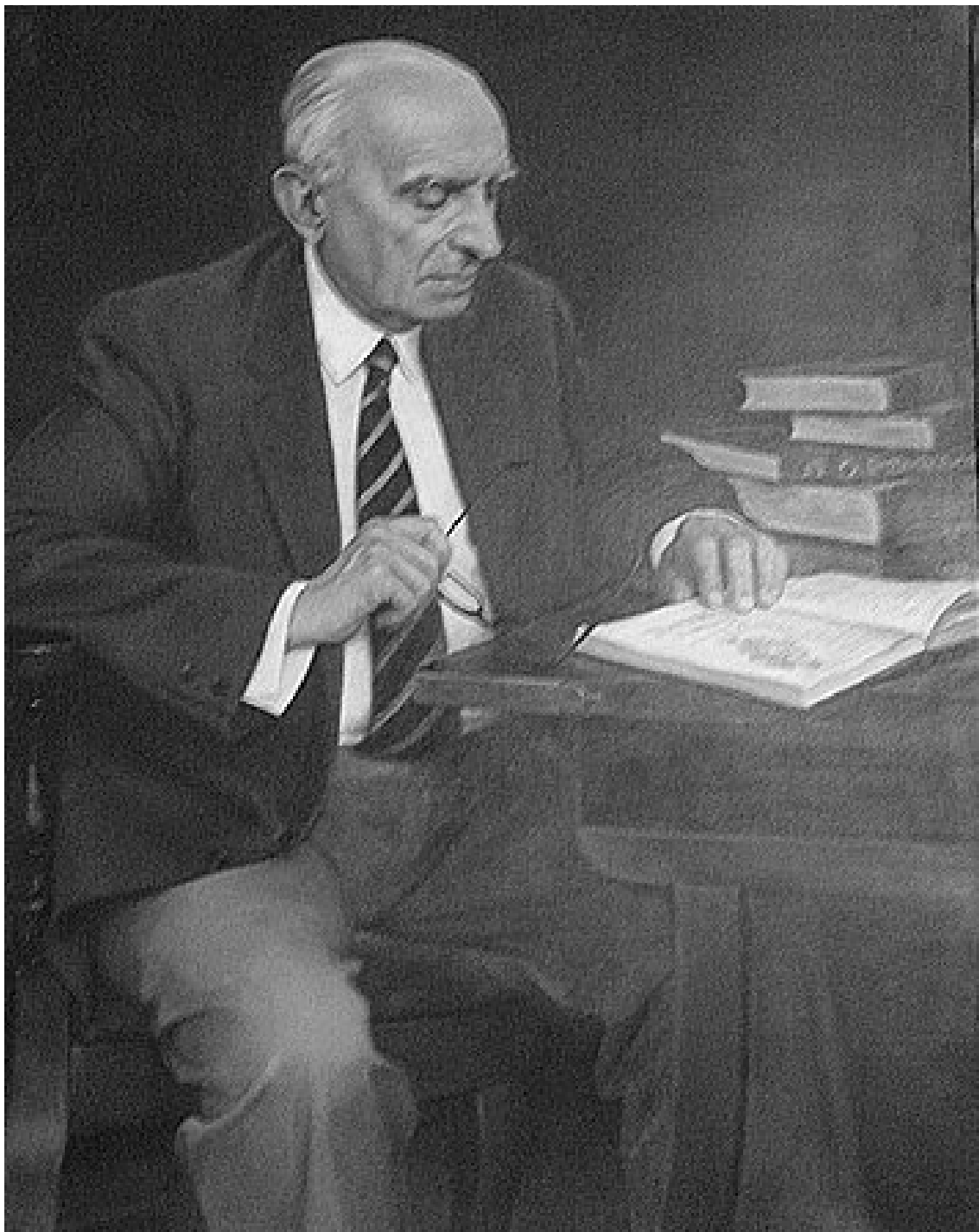
Era uma velha aspiração deste ramo da indústria, ao tempo com uma pujança e um crescendo que hoje nem de longe tem.

ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA
DE FUNDIÇÃO

Fizemos um Congresso para a criar, e daí nasceu uma Comissão de oito empresas, quatro de Lisboa e quatro do Porto, a quem foi confiada essa missão. Essa comissão trabalhou muito bem, o único senão foi quando se teve que estabelecer a localização da sua sede. Aí a luta foi dura, mas finalmente lá conseguimos que a sede fosse no Porto onde há tantos anos continua.

Promovemos logo a seguir o I Congresso Nacional de Fundição e foi nesse Congresso que apresentei a proposta de imediatamente se pedir ao Governo a criação do curso de engenharia metalúrgica. Não havia então em Portugal qualquer curso superior específico de metalurgia, como é que havíamos de ter os téc-

O quadro de Almeida e Sousa na sala dos Presidentes, na sede da AEP Associação Empresarial de Portugal (e onde foi gravada a entrevista), é da autoria do pintor António Macedo, que vive habitualmente em Londres. O quadro foi pintado em 1995. "Leu e estudou muitas coisas sobre mim, falou com muitas pessoas, teve uma conversa comigo (deste género), tirou-me para aí umas cinquenta fotografias e foi-se embora para Londres. Apenas veio depois a Portugal para me pedir para posar com o dedo e a mão, na posição que se vê no quadro. Foi buscar a minha mesa de trabalho, e uma cadeira valiosa em que estudei e que usei durante muitos anos, mas que me deu cabo das pernas. O escudo que se vê é do Tripeiro".



nicos necessários à indústria que queríamos e que, pelo menos ao tempo, era a rainha das indústrias? Nem o director da Faculdade de Engenharia (do Porto) nem o do Instituto Superior Técnico estavam de acordo – tinham ordens para não estar de acordo – e fizeram um pouco o feio naquela ocasião, mas o certo é que não demorou muito a que fosse instituído tanto no Porto como em Lisboa cursos de engenharia metalúrgica. Só por isso valeu bem a pena.

Os preços no mercado internacional eram de facto baixíssimos nessa era, mas Vila Cova, já que a indústria portuguesa não consumia toda a gusa que produzia, era obrigada a exportar fosse a que preço fosse.

Foi outro dos sonhos com que me entusiasmei e que vivi intensamente. O sonho não foi meu, foi do Dr. Ângelo César, grande figura que, como tantos outros, vai ficando muito indevidamente esquecida. MINAS DE VILA COVA

O Dr. Ângelo César era considerado o primeiro advogado do Porto e, como tal, ganhava o dinheiro suficiente para levar a vida que quisesse levar. No entanto era um homem impulsivo, polémico, apaixonado, que um dia resolveu acordar as riquezas segundo a tradição adormecidas da Serra do Marão. Era do saber popular que ali existiam grandes minas de ouro e talvez tivessem existido no tempo dos romanos. Em meados do século XX, ouro não existia, mas existia ferro, e o Dr. Ângelo César logo idealizou a sua exploração.

País sem carvão, a teoria oficial era que a nossa siderurgia devia ser feita à base da energia eléctrica que pensávamos muito sobranter, como o nosso Plano Hidro-eléctrico assinalava. Mesmo antes desse Plano, há quantos anos o velho percursor Ezequiel de Campos o pregava! E desse pensamento nasceu a Siderurgia do Marão, erigida para tratar as magnetites de Vila Cova. A empresa chamava-se Minas de Vila Cova, SARL e a Siderurgia do Marão surgia como anexo mineiro, a única forma de ultrapassar o exclusivo que, nos termos do Condicionamento Industrial, Antonio Champalimaud tinha.

Só duas nações, e por razões diferentes, tinham desenvolvido a electrosiderurgia: a Itália e a Noruega. A tecnologia escolhida para o Marão foi norueguesa e era norueguês (Elkem) o forno e seus pertences.

Valor e benefícios não se podem negar aquele empreendimento que textualmente custou muito sangue, suor e lágrimas. Mas Portugal era o que era, não se desenvolveu como nós sonhávamos ou queríamos que se desenvolvesse, e a produção de gusa (ferro fundido primário) só a das Minas de Vila Cova excedia em muito o consumo nacional, aliás já abastecido também pela gusa de segunda fusão da Companhia Portuguesa de Fornos Eléctricos, em Canas de Senhorim.

Deu isto em resultado que a empresa tinha que exportar grande parte da sua produção para a Europa do fim da guerra, onde ainda havia em muitas nações produção excedentária de gusa que já não era transformada em aço para fazer a canhões ou tanques. Por outro lado havia a enorme produção russa a que se somava a das siderurgias que tinha oferecido a cada um dos países da cortina de ferro. Os preços no mercado internacional eram de facto baixíssimos nessa era, mas Vila Cova, já que a indústria portuguesa não consumia toda a gusa que produzia, era obrigada a exportar fosse a que preço fosse. Eu que ajudei a vender essa gusa

nos mercados de Itália, da Bélgica, da Alemanha e de Israel, sei bem o que custava vender e o preço a que tinha que vender.

Assim era impossível subsistir, e um dia, com grande pesar de todos, foi necessário apagar o forno. Por outro lado os consumos de energia eléctrica em Portugal tinham crescido exponencialmente e apesar da sucessiva entrada em serviço dos grandes empreendimentos hidroeléctricos, a energia sobranete era cada vez menos, até não ser nenhuma.

Ainda houve um fogacho de esperança poucos anos depois, quando os noruegueses estudaram e experimentalmente combinaram um aproveitamento de calor e energia eléctrica que levava a um consumo bastante mais baixo de kwh por tonelada de gusa fabricada. Confiante como sempre, o Dr. Ângelo César imediatamente contratou o novo aperfeiçoamento na instalação de Vila Cova. Era a pré-redução que implicava a entrada do minério no forno já aglomerado e pré aquecido. Os bons resultados foram confirmados, mas não chegaram para salvar a empresa. E novamente se teve que apagar o forno.

Na minha ideia foi nessa altura que o Dr. Ângelo César mostrou bem a sua dimensão: aceitando, senão agradecendo. A sua atitude esmagou todos os seus amigos. Justificou bem, poeta que sempre foi, os versos que fez e que nós, os seus colaboradores, gostaríamos de ler no monumento que lhe queríamos erguer na bifurcação das estradas de Campeã, precisamente no sitio onde tanto se alegrou e onde tanto sofreu:

*Ser herói não é vencer
Não é ter a melhor sorte
É na vida só querer
Dar sentido à própria morte*

A instalação ainda veio a renascer anos mais tarde, por obra e graça do grande benemérito e financeiro António Miranda, que lá gastou muito dinheiro, sobretudo quando duplicou a ideia construindo à beira do Douro, na Barragem da Régua, a Milnorte, também ela pensada para armazenar kwh agora transformados em silício metálico. Mas os consumos de electricidade em Portugal tinham crescido muito, a maior parte da nossa produção já era termoeléctrica, tinha acabado o sonho da electrometalurgia.

Um dia veio um sucateiro ítalo-brasileiro e arrematou por dez reis de mel coado os fornos de Vila Cova e da Milnorte, e ainda todos os outros que havia em Portugal, e levou-os para a Venezuela, dizem. Ao menos que fossem para Angola ou para Moçambique onde há tanta energia sobranete e tão pouco consumo, como tanto quis e pedi. Aí sim, podia e devia ter havido electrometalurgia. Mas todos os estudos que fiz nesse sentido se perderam na voragem da Revolução.

SEM CAMISA E COM CAMISA

Penso que o que faltou nesta indústria para singrar em Portugal foi a tradição, diria mesmo uma escola. Quanto a mim esse foi o verdadeiro problema: praticamente não se ensinava metalurgia quando eu estive na universidade.

Por outro lado questiono quem é que em Portugal fazia indústria. Em Portugal somente os "sem camisa" é que faziam indústria, pois os que tinham camisa podiam ser advogados, médicos ou então empregados bancários, e facilmente ganhavam a sua vida sem o mínimo de aborrecimentos

Em Portugal somente os “sem camisa” é que faziam indústria, pois os que tinham camisa podiam ser advogados, médicos ou então empregados bancários, e facilmente ganhavam a sua vida sem o mínimo de aborrecimentos

Como dizia o Duarte Ferreira, o homem que fez o Tramagal, “menos do que ferreiro nunca irei ser, porquê que não hei de sonhar ser mais?”. São exactamente estas pessoas que arriscam e tentam ir mais além. Os outros, os “com camisa”, como tinham dinheiro não queriam arriscar, preferiam ficar com as suas quintas e outros bens. Por isso concluo que sobretudo a indústria do Norte foi toda ela feita por pessoas “sem camisa”. Conheço alguns com um valor pessoal notável, que começaram do nada e que souberam realmente trabalhar.